

UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA TRILOGIA “MINHA MÃE É UMA PEÇA”

Lorena Sathler da Rocha Saiter; Viviane Reis Balestrero; Viviane Veronez¹, Isabele Santos Eleotério², Felipe Fernandes Moça Matos³, Joyce Karolina Ribeiro Baiense³, Gabriela Vieira de Abreu³, Wakyla Cristina Amaro Corrêa³, Naeme José de Sá Filho³

¹Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

²Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

³Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

RESUMO

O artigo aborda a representação social da figura materna nos filmes da trilogia "Minha Mãe É uma Peça", que inclui "Minha Mãe É uma Peça", "Minha Mãe É uma Peça 2" e "Minha Mãe É uma Peça 3". Essas produções cinematográficas, originadas de uma peça de teatro, conquistaram uma ampla audiência nas salas de cinema em todo o Brasil entre os anos 2013 e 2019. O trabalho se concentra em analisar cenas protagonizadas pela personagem Dona Hermínia, com o objetivo de compreender como as mulheres-mães e suas responsabilidades familiares são retratadas a partir de conceitos que fazem parte da cultura brasileira. A análise sugere que essa personagem representa uma das diversas facetas possíveis da maternidade, considerando tratar-se de uma mulher de classe média, do meio urbano. Dona Hermínia emerge como uma personagem que captura elementos culturais e sociais da maternidade na realidade contemporânea do Brasil. Sua presença no cenário cultural oferece um reflexo das experiências de muitas famílias brasileiras, de classe média, em um período de mudança no que diz respeito aos papéis de gênero e à dinâmica familiar. Ela se tornou um ícone afetivo e ao mesmo tempo divertido, com o qual o público se identifica de alguma forma.

Palavras-chave: Figura materna, Mudanças na família, Representação social do feminino.

INTRODUÇÃO

A percepção dos brasileiros em relação à figura da mulher-mãe é complexa e muda de acordo com diversos fatores, como sua própria experiência, valores culturais e sociais. No entanto, a representação da mãe, particularmente através da personagem Dona Hermínia na peça teatral "Minha Mãe É uma Peça" e nos filmes subsequentes, teve grande repercussão no Brasil. Dona Hermínia interrompe estereótipos tradicionais e romantizados da figura materna, apresentando uma mãe que é imperfeita, engraçada, com seus momentos de desespero e excentricidades. Isso contribuiu para uma representação mais realista e humana das mães na mídia, afastando-se de idealizações.

Diante disso, optou-se por analisar a trilogia devido ao sucesso da personagem Dona Hermínia, que em grande parte deve-se à sua capacidade de representar de forma humorística e realista muitas das experiências e desafios enfrentados por mães brasileiras, tais como conduzir a maior parte da rotina dos filhos em “modo solo”, equilibrar-se em múltiplos papéis, entre outros. Muitos espectadores, independentemente de seu gênero ou idade, conseguiram se identificar de alguma forma com as situações cômicas e emocionais retratadas nos filmes. A personagem Dona Hermínia também dialoga com as mudanças sociais no Brasil. Ela é uma mãe

divorciada, que assume a educação dos filhos e as rotinas da casa como suas principais atribuições na vida por um longo período e na sequência acumula também o trabalho fora de casa, refletindo a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho e as mudanças nas estruturas familiares (ALMEIDA, 2018).

A trilogia "Minha Mãe É uma Peça" teve sua origem em uma peça de teatro que estreou em 2006. No monólogo, Paulo Gustavo, o autor e intérprete da protagonista Dona Hermínia, uma personagem que retrata os aspectos mais hilários de uma típica dona de casa de meia-idade sempre com acúmulo de funções, emoções e pensamentos. Ele construiu essa personagem com base em suas próprias observações e experiências domésticas. Em 2013, a peça foi adaptada para o cinema, dando origem ao longa-metragem "Minha Mãe É uma Peça", que se tornou o filme mais assistido no Brasil naquele ano, com mais de 4.600.145 espectadores. Em 2015, a história foi transformada em livro pela editora Objetiva. Devido ao sucesso tanto de crítica quanto de público, em 2016 foi lançado "Minha Mãe É uma Peça 2", seguido por "Minha Mãe É uma Peça 3" em 2019 (ALMEIDA, 2018).

Os três filmes levaram um público de mais de 22 milhões de pessoas aos cinemas (AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA, 2020), notado como uma prova da popularidade da comédia no Brasil. Na Antiguidade, esse gênero foi considerado por Aristóteles como inferior à tragédia, pois enquanto essa representava personagens nobres, a outra imitava homens comuns com seus defeitos, vícios e situações ridículas (VASCONCELOS, 2012). Outro autor, mais atual, enfatiza que é preciso que a situação social apresentada seja também compartilhada pelo público em seu dia a dia para gerar o riso (BERGSON, 2007). Nas obras analisadas temos, pois, a presença desses elementos: situações cotidianas, porém exageradas, de uma mulher-mãe comum como tantas conhecidas pelos espectadores.

No filme, encontramos a personagem Dona Hermínia, uma mãe que se dedica inteiramente aos seus filhos e às responsabilidades domésticas. Mesmo diante de atribuições da vida profissional, quando ela assume o papel de apresentadora de um programa de TV, ela ainda se sente responsável pelas escolhas e pelo bem-estar dos filhos. Mesmo que eles já tenham crescido e vivam distantes de seu olhar, ela continua demonstrando uma preocupação extremamente intensa em relação aos seus filhos, chegando ao ponto de exagerar em suas ações, xingamentos e expectativas em relação a eles (ALMEIDA, 2018).

Dona Hermínia personifica uma mulher que desempenha um papel que, por muito tempo, foi considerado o "verdadeiro" domínio feminino, envolvendo responsabilidades relacionadas à gestão da casa, à criação dos filhos e ao cuidado com o marido. Sendo assim, é uma personagem que encarna muitos dos estereótipos tradicionais da mãe brasileira. Ela é uma figura representativa de uma era em que as mulheres desempenhavam papéis predominantemente domésticos e caminhavam solitariamente na criação dos filhos. Seu estilo de vida, suas interações familiares e seu senso de humor refletem características comuns na cultura familiar brasileira.

No entanto, Dona Hermínia também é contemporânea e representa o Brasil do século XXI. Ao final do primeiro filme que compõe a trilogia ela é inserida no mercado de trabalho, haja visto um aumento significativo na participação das mulheres nele e uma

evolução nos papéis de gênero. Durante o período que os filmes foram realizados, o Brasil passou por mudanças políticas significativas, com vários governos e contextos políticos diferentes. A personagem de Dona Hermínia não está diretamente ligada a esses eventos políticos, mas sim à vida cotidiana das pessoas comuns, o que a torna uma representação da maternidade. No âmbito econômico o Brasil passou por altos e baixos nas últimas décadas e neste contexto a personagem de Dona Hermínia pode ser vista como uma representação das mulheres que enfrentaram desafios econômicos, equilibrando responsabilidades domésticas e a necessidade de trabalhar fora de casa para sustentar suas famílias.

O objetivo geral deste trabalho consiste em examinar a representação social da figura da mulher-mãe nos filmes da trilogia "Minha Mãe É uma Peça", tendo como ponto de partida a personagem principal, Dona Hermínia. A análise se concentrará em como essa personagem oferece uma das diversas perspectivas possíveis sobre a maternidade. Além disso, serão investigadas as mudanças nas identidades das mulheres como mães e suas funções familiares na contemporaneidade. É importante observar que essa mãe em particular gerou uma forte identificação por parte do público brasileiro, o que torna esta análise ainda mais relevante para compreender as representações culturais e sociais da maternidade. Os filmes foram inclusive tema de outras pesquisas acadêmicas. Para uma compreensão mais profunda dos enredos dos filmes, o trabalho apresentará e analisará a personagem principal por meio da descrição de algumas cenas.

A análise proposta neste artigo combina conceitos de autores relevantes, como os pertencentes à chamada Escola de Frankfurt com a Teoria Crítica, Simone De Beauvoir e sua visão do feminino, de Serge Moscovici, em sua Teoria das Representações Sociais, bem como de Carl Jung a respeito da Meia Idade. Isso auxiliará a compreensão das complexidades da personagem e dos temas tratados nos filmes.

MATERIAL E MÉTODO

Esse artigo resulta de uma pesquisa da área de Ciências Humanas, do tipo pesquisa básica pura, destinada à ampliação do conhecimento. A abordagem do problema é qualitativa.

Quanto aos objetivos do estudo, pode ser classificado como pesquisa exploratória, considerando que o problema foi demarcado sob diferentes aspectos em busca da construção de hipóteses de respostas possíveis. Segundo Gil (2020), essa forma de pesquisa é flexível e admite diferentes formas de coletas de dados. Aqui, além da pesquisa em fontes impressas e on-line, foi fundamental a pesquisa em obras cinematográficas.

A pesquisa bibliográfica para embasar a análise se deu parte em livros impressos, parte através de leituras via Internet, em portais especializados em base de dados de pesquisas científicas, entre eles a "SciELO" e "Google Acadêmico". Foram utilizados os descritores "feminismo", "Simone de Beauvoir"; "representação social" e "Moscovici"; "teoria crítica", "escola Frankfurt", "cinema"; e os anos de 2018 a 2023. Gil ressalta que

“praticamente toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica” (GIL, 2020, p. 43). Adotaram-se como objetos de pesquisa os enredos dos filmes da trilogia “Minha Mãe É uma Peça”, produções cinematográficas brasileiras produzidas por Paulo Gustavo, a partir de uma peça teatral também escrita por ele. Certa vez, em entrevista para o Correio Braziliense, o ator afirmou que manteve 95% do texto original da peça para a produção dos filmes, alegando que “não se deve mexer no que está dando certo”, dado que o registro de sucesso da peça se repetiu no cinema (ALMEIDA, 2018).

Paulo Gustavo, ator e escritor tanto da peça quanto do filme, baseou-se em cenas do cotidiano de sua própria mãe para escrever as histórias e foi quem representou a Dona Hermínia.

Os filmes “Minha mãe é uma peça”, “Minha mãe é uma peça 2” e “Minha mãe é uma peça 3” foram assistidos pelas pesquisadoras em ordem cronológica, com olhar atento a cada cena, especialmente sobre Dona Hermínia.

A etapa de análise das cenas foi dividida entre as pesquisadoras, sendo cada uma delas responsável por um dos filmes. Essa análise resultou em uma espécie de sinopse, onde cada uma trouxe um panorama geral da obra cinematográfica que estudou e na sequência foram feitas as conexões com os conceitos basilares deste artigo. Optou-se por explorar as cenas protagonizadas por Dona Hermínia que mais se assemelham à realidade da mulher no século XXI, dividida entre múltiplos papéis e responsabilidades.

Por fim, trabalhou-se a comparação entre os objetivos e resultado da pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

A Teoria Crítica dos meios de comunicação de massa

A Teoria Crítica foi construída pelo grupo de intelectuais europeus pertencentes ao Instituto conhecido como Escola de Frankfurt, fundado em 1923. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial importantes figuras desse grupo migram para os Estados Unidos, retornando apenas após o seu desfecho. A ideia era criar uma teoria da sociedade entendida como um todo, indo em oposição às setorizações que eram praticadas na época, e que acabavam por se prestar à conservação da ordem social existente (WOLF, 2005).

É dessa escola a expressão “indústria cultural”, usada por Horkheimer e Adorno. Fazendo-se valer de uma análise sócio-histórica, eles trazem elementos fundamentais para se pensar os meios de comunicação de massa, entre eles o cinema. Para o presente trabalho interessa se apropriar dessa teoria de forma a desvelar a face capitalista presente até nos produtos de entretenimento, que não é de forma alguma inocente e sem pretensões.

Conforme Lachowski (2022), a cultura, especialmente a arte e seus processos de elaboração foram intensamente estudados por essa Escola. Para eles, os Frankfortianos, a verdadeira arte deve conter uma representação de realidade com visão crítica para o que precisa ser mudado na sociedade.

Especialmente crítico em relação à indústria cultural, Adorno afirma que a forma

capitalista de produção artística condiciona tudo à sua lógica: a forma, a função, a qualidade do consumo e a autonomia do consumidor.

Embora os indivíduos creiam que, no período em que não trabalham, eximem-se dos rígidos mecanismos produtivos, na realidade a mecanização determina de modo tão integral a fabricação dos produtos de distração, que o que se consome são apenas cópias e reproduções do próprio processo de trabalho (WOLF, 2005, p. 77).

É inegável que tudo isso pode ser facilmente verificável. Por exemplo, podemos citar como os personagens de filmes de sucesso rapidamente transformam-se, além de produto audiovisual, em objetos vendáveis como bonecos e estampas de canecas. Ou ainda que um modelo de enredo de sucesso de bilheteria é repetido em várias outras obras, trocando-se apenas os personagens, ou às vezes nem isso – como no caso das continuações de filmes que de fato já foram finalizados na primeira versão.

Diante disso, quase que inevitavelmente a visão das consequências para a humanidade é pessimista. “Para Adorno, a única possibilidade de salvação do mundo é por via da negação absoluta, da consciência crítica, da resistência contra tudo o que se impõe, tudo que é imposto” (DELLOVA; CARDILLI, 2021, p. 73).

O indivíduo pode ser capturado facilmente nesse processo, pois tudo, desde a música escolhida até a duração das cenas, sequências e do próprio filme, tudo é transmitido rapidamente para evitar muita atividade mental (WOLF, 2005). O jogo é desigual.

Entretanto, deve-se levar em conta que nos tempos atuais, mais do que na época dos escritos dos frankfurtianos, o acesso a discursos diversos é mais facilitado. Apesar da ideologia capitalista manter-se dominando nos vários aspectos da vida, compreende-se que a conscientização sobre todos os processos tão criticados pela Escola é possível e deve ser disseminada para todos e todas.

No caso da trilogia analisada, para além da visão crítica das relações familiares que está presente na obra, percebe-se a marca do capital pelo fato de que os filmes subsequentes vieram depois que os anteriores foram confirmados como grandes sucessos de bilheteria.

O Feminismo e De Beauvoir

Uma importante corrente que tem muito a contribuir com o que se pretende no trabalho aqui proposto é o feminismo. O movimento feminista procura entender a posição da mulher e provocar um movimento consciente de mudança. Não existe uma data específica para seu surgimento, já que em cada país se inseriu em contextos diferentes. Para esse artigo considerou-se o contexto da França para referencial teórico e o contexto do Brasil para representação prática, por meio do exemplo da Dona Hermínia.

Segundo Alves e Pitanguy (1991), nos Estados Unidos, o feminismo ganhou espaço no século XVII, com a expansão do comércio e o respeito crescente à razão e à ciência; e no século XVIII através de uma intensa participação das massas na esfera política defendendo princípios de igualdade e a ideologia liberal. Ressurgiu na década

de 1960 junto com outros movimentos de libertação, como o dos negros, minorias étnicas e homossexuais. Não foi um movimento de comando centralizado. A estratégia adotada era incentivar a auto-organização de pequenos grupos e fortalecer a solidariedade entre as mulheres. Havia também uma preocupação com a construção de uma teoria feminista. Os estudos nessa área eram voltados à descoberta das raízes culturais das desigualdades entre os sexos promovendo um questionamento às teorias da inferioridade natural da mulher, fundamentalmente baseadas em fatores biológicos. As feministas afirmam que as diferenças estão mais ligadas ao sistema político e jurídico, à religião, à vida intelectual e artística. Ou seja, aprende-se a ser homem ou mulher (ALVES; PITANGUY, 1991).

Como registra Elena Gianini Belotti no livro “Educar para a submissão”,

[...] enquanto as origens inatas de certos comportamentos diferenciados conforme os sexos continuarem uma hipótese, permanece igualmente válida a hipótese oposta, segundo a qual são frutos dos condicionamentos sociais e culturais a que se submetem as crianças desde o seu nascimento (BELOTTI, 1981, p. 9).

A maior representante do feminismo entre os intelectuais do século XX foi a filósofa e romancista Simone de Beauvoir. Ela é um dos grandes nomes do movimento existencialista, nascida em 1908 na França, uma mulher branca, solteira, defensora e praticante do amor livre. Em seu clássico “O Segundo Sexo”, a mais conhecida de suas obras, ela argumenta pela desnaturalização de temas que ainda hoje são considerados tabus na sociedade, como a docilidade, a beleza, pureza e o amor materno.

[...] esses conceitos sustentam e estabelecem as estratégias de dominação masculina, no sentido de transformar a mulher em um ser que difere da própria condição humana, mantê-la na condição de ‘outro’ e convencê-la a assumir esse papel, o que resultou no aprisionamento da mulher na posição de passividade para evitar a sua resistência contra quem a oprimia (PINHEIRO; ÁLVARES, 2017, p. 16).

É descortinada em sua obra a ideia que impera por trás de todas em nossa sociedade: que à mulher é conferido apenas o lugar de “outro”; o segundo sexo. “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja [...]” (BEAUVOIR, 1980, p. 10).

Portanto, há um amplo conjunto de práticas, subjetividades e valores morais a ser contestado pela mulher. Valores humanos são dados por homens, para homens e mulheres, a partir da visão do homem (JOHANSON, 2018). A partir dessa afirmação, mostra-se necessária uma leitura geral dos dramas vividos pelas mulheres, das alternativas de escolha que têm e das decisões que tomam.

A autora questiona a maternidade como destino obrigatório para a mulher, um pilar da luta feminista (BEAUVOIR, 1980, p. 10).

Segundo Pinheiro (2017), uma personificação desse ser predestinado é Maria,

propagada no cristianismo como a versão mais elevada de mulher, por aceitar sua sina sem questionar, mantendo-se dócil e obediente em prol da salvação em uma dimensão espiritual. Aceitando, portanto, as funções de procriar, ser filha, esposa e mãe para a mulher, enfatizando papéis socialmente desejáveis.

Em complemento à figura religiosa idealizada para a mãe, notam-se imposições que ocorrem ainda na infância, como parte da inserção no “mundo feminino”: meninas são engajadas em tarefas domésticas que podem incluir o cuidado dos irmãos mais novos, brincam em espaços limitados enquanto meninos brincam ao ar livre. Elas são estimuladas a utilizar bonecas e/ou miniaturas de utensílios domésticos, corroborando para o papel social materno e seu aprisionamento em uma condição secundária (PINHEIRO, 2017).

A Teoria da Representação Social

Serge Moscovici criou a Teoria da Representação Social em 1961, a partir de uma pesquisa sobre como se apresentavam os conhecimentos da psicanálise que circulavam entre grupos de pessoas que não eram profissionais da área. Constatou que existiam várias psicanálises, e ainda que se mostravam diferentes do que os grandes nomes a definiam, de como a viam e de como gostariam que fosse vista (MOSCOVICI, 1976). As representações que circulavam se tornavam um conhecimento compartilhado por um grupo ou sociedade, uma realidade comum. Conforme Jean-Claude Abric, as representações são a forma de indivíduos e grupos darem “[...] sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências” (ABRIC, 2000, p. 28).

Assim fica estabelecida a existência de dois universos de representações: o científico (ou reificado) e o consensual. No científico, somente grupos seletos têm legitimidade para pôr ideias em circulação, desmerecendo as demais formas de conhecimento. “Nessa perspectiva a sociedade também é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais e somente a competência adquirida estabelece seu grau de participação de acordo com o mérito” (ALBUQUERQUE; SILVA, 2019, p. 3).

Moscovici dirigiu seus estudos no outro tipo, o consensual. A ele interessavam mais as representações vindas do senso comum, as consensuais, o que “se dá pela conversação informal entre os pares, na vida cotidiana” (NOGUEIRA; GRILLO, 2020, p. 6). Ele valorizou esse tipo de conhecimento, argumentando que nele estão presentes marcas históricas, econômicas, sociais e culturais que não podem ser ignoradas. A dinâmica é maior, considerando a necessidade real de assimilar de alguma forma transformações reais e ágeis.

O autor, portanto, afasta-se da teoria das Representações Coletivas de Durkheim, entendidas como formas de consciência impostas pela sociedade aos indivíduos (NOGUEIRA; GRILLO, 2020), mais adequadas para sociedades antigas, que apresentavam maior estabilidade nas relações e baixo nível de circulação e de variação de discursos. Moscovici entende que, em seu tempo, a elaboração e produção têm caráter social e não de imposição às consciências individuais.

Moscovici reafirma a importância de um olhar mais atento para essa máquina gigante

de sonhos, que é o cinema, pois considera que

a forma como o mundo é representado influencia de forma preponderante o modo como o indivíduo entende e constrói sua realidade concreta, pois as representações acabam possibilitando, ou não, a apreensão de determinados elementos concretos (LOBO; WERNECK, 2018, p. 8).

Meia Idade na Psicologia Analítica

Para Carl Gustav Jung, autor da Psicologia Analítica, concebida no início do século XX, a meia idade começava entre 30 e 40 anos de idade - hoje poderíamos atualizar para 40 a 45 anos em virtude do crescimento na expectativa de vida. Pode representar um período de muita ansiedade em alguns casos e um período de grande potencial em outros (GRINBERG, 2017). A tentativa de permanecer jovem, ágil e atraente fisicamente faz parte dos valores sociais que podem ser perturbadores (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015).

Pessoas que não viveram a juventude e meia-idade com bases infantis estão preparadas para viver a outra parte da vida, deixam de lado as tendências extrovertidas - mais voltados para o objeto, para o exterior ao sujeito - e movem-se na direção introvertida da consciência expandida - para o próprio eu do sujeito - a fim de descobrir novos significados para essa fase. A meia idade pode envolver também uma orientação religiosa madura, em especial no que diz respeito à vida após a morte (MOTTA; PAULA 2005).

Análise da Literatura

A Teoria Crítica perpassa pelos filmes da trilogia “Minha Mãe é uma Peça”, pois faz crítica aos interesses capitalistas presentes nas produções cinematográficas que visam ao sucesso e conseqüentemente ao lucro, como é o caso. Por outro lado, pode-se afirmar que contribui para uma leitura crítica da situação da mulher e da mãe, dos diversos sentimentos que vivenciam ao longo da vida, sendo capaz de provocar um novo olhar da sociedade.

Diante do exposto, nas discussões a seguir, entendendo que a Teoria Crítica está presente nos três filmes, em praticamente todas as cenas, ora de forma mais direta, ora nas entrelinhas, quer seja nas falas da personagem Dona Hermínia, quer seja em seu comportamento, optou-se por relacionar de forma direta a cada cena escolhida apenas as demais teorias propostas neste trabalho.

Sendo assim, inicia-se abaixo um resumo de cada uma das obras e uma seleção das cenas com maior relevância para a análise da representação social da mulher.

Minha Mãe é uma peça

Lançado em 2013, esse longa trouxe para o cinema a história já contada na peça teatral de mesmo nome, com grande sucesso de público. Trata-se de algumas passagens da vida de Dona Hermínia, uma mulher branca, de classe média, moradora de área urbana na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, dedicada aos filhos, divorciada e dona de casa.

Não fica expresso o ano em que a trama ocorre, mas considerando cenário, figurino e enredo conclui-se que pode ser situada nos anos 90. Dona Hermínia foi casada com Carlos Alberto, com quem teve três filhos, Garib, Juliano e Marcelina (por ordem de idade). No início da trama, o filho mais velho já está casado, mora em Brasília-DF, longe da mãe, que já divorciada, se dedica exclusivamente à casa e aos mais novos – jovens na faixa dos 14 a 17 anos.

A mulher divorciada na tela é uma figura forte, mas que se ressentida pelo divórcio e pela opinião expressada pelos filhos a seu respeito. Isso pode ser visto na cena em que Carlos Alberto, o ex-marido, chega para buscar os filhos para um passeio, usando um carro conversível, moderno para a época, acompanhado de sua namorada - uma mulher jovem, preocupada em cuidar de seu corpo e aparência. Enquanto isso, Dona Hermínia, trajando roupas simples e com os cabelos cuidados em casa, enrolados em bobes, cobertos com lenço, se lamenta da janela após uma interação acalorada, seguida de um telefonema para notificar o filho mais novo a respeito do esquecimento de um remédio, quando acaba ouvindo comentários sobre seus excessos de proteção. Em termos históricos, o divórcio foi regulamentado no Brasil em 1977, como forma de extinção do vínculo conjugal. Após 20 anos dessa regulamentação, pode-se afirmar que a mulher divorciada ainda era estigmatizada. Beauvoir (1980) explica que isso se deve ao fato da mulher, em nossa sociedade, ser identificada em sua relação com o homem, o que nos ajuda a compreender o ressentimento de Dona Hermínia. Afinal de contas, diante do divórcio e das queixas de seus filhos durante um passeio com o pai e uma outra mulher, parece não haver sentido em sua existência, parece não haver uma identidade. É quando percebemos um movimento de reação da Dona Hermínia, que decide passar uma temporada na casa de sua tia, surpreendendo os filhos, que retornam do passeio e encontram a casa vazia.

Em seu clássico “O Segundo Sexo”, Simone de Beauvoir argumenta pela desnaturalização de temas que ainda hoje são considerados tabus na sociedade, como a docilidade, a beleza, pureza, o amor materno. Na maior parte das cenas do filme, Dona Hermínia aparece com os cabelos enrolados com bobes, o que nos faz pensar em uma certa preocupação com a beleza. Entretanto, sua forma de comunicar está longe de expressar docilidade. Em conversas com os filhos, o tom de voz é predominantemente agressivo e alto, com uso de palavrões e baixa tolerância diante da desorganização da casa, por exemplo. O padrão de comunicação se repete nas interações com a irmã, com a empregada doméstica, com os amigos dos filhos, vizinhos e o porteiro.

A representação de mãe cuidadora e zelosa da vida dos filhos, controlando seus remédios, o que comem, com quem e para onde saem também é percebida em cenas nas quais Dona Hermínia chama a atenção da irmã mais nova por fumar. Contudo, ela também aparece fumando, o que parece ser um mecanismo para alívio do estresse, além de afastá-la novamente do lugar de perfeição idealizado para a mãe. Segundo Pinheiro (2017), Maria, propagada no cristianismo como a versão mais elevada de mulher, assume como identidade de mulher as funções de procriar, ser filha, esposa e mãe. Em boa parte do filme é possível perceber similaridade dessa versão elevada com Dona Hermínia, porém, em duas cenas ela se coloca em

oposição: quando deixa sua casa para uma temporada com a tia Zélia, sem avisar aos filhos para onde vai, o que os deixa de certa forma desorganizados, e quando ela aceita a proposta de trabalhar em um programa de TV, assumindo então uma nova função para sua identidade como mulher.

Percebe-se, portanto, que o autor brinca com a representação da mãe. Em seu cerne existe a ideia de devoção aos filhos, e enquanto esteve casada, também ao marido. Porém, por se tratar de um filme de humor, existem exageros nas situações de cuidado e nos relacionamentos que afastam a personagem de um modelo ideal. Importante reforçar ainda que a obra retrata a busca feminina por realização profissional, como espelho de seu tempo.

A teoria das Representações Sociais mostra-se pertinente para análise das representações circulantes nas situações cotidianas mostradas nesse filme e nos subsequentes, por retratarem o comum, o banal, o dia a dia de suas personagens. Perpassando pelas cenas, estão as marcas da sociedade e cultura capitalista, patriarcal e machista, entre outros atributos, que também fazem parte de uma leitura crítica. O filme, ao mesmo tempo que contém nele mesmo representações sociais, reforça e contesta representações sociais do feminino.

Minha Mãe é uma peça 2

O filme “Minha mãe é uma peça 2” foi lançado em 2016, e é a continuidade da comédia brasileira que acompanha a personagem Dona Hermínia.

No segundo filme, ela ainda lida com as complexidades da maternidade, porém com seus filhos já adultos. Continua trabalhando no seu programa de TV, o que permite a ela oferecer uma vida mais confortável para sua família. No entanto, a trama se desenrola quando Juliano e Marcelina decidem seguir seus próprios caminhos e ela precisa lidar com o que chamamos na psicologia de “síndrome do ninho vazio”. O filme aborda temas como o amadurecimento dos filhos e também o início de um processo de reflexão importante para a personagem principal, que passa a repensar sua vida e redescobrir a si mesma enquanto mulher, sem viver exclusivamente em função da vida dos filhos.

A cena em que Dona Hermínia é interrompida em seu ambiente de trabalho com uma ligação da filha mostra claramente como a sociedade muitas vezes marginaliza as experiências e contribuições das mulheres, restringindo-as a papéis familiares. A cena pode ser vista ainda como uma representação dos desafios que as mulheres enfrentam em relação à sua autonomia. Muitas vezes acumulam uma sobrecarga de responsabilidades, equilibrando a vida profissional e as obrigações familiares. Essa “dupla jornada”, enfrentada por muitas mulheres, segundo Simone de Beauvoir (1980), pode ser esmagadora. Além de se esperar que ela esteja sempre disponível para atender/cuidar dos filhos, conforme estereótipos tradicionais de gênero.

Numa outra cena Dona Hermínia está na fila do caixa do supermercado e é abordada por sua vizinha elogiando-a e expressando como ela é uma influência positiva em sua vida. Simone de Beauvoir defendeu a importância de as mulheres encontrarem modelos de mulheres fortes e independentes para se inspirarem, e que deveriam ser livres para escolher seu próprio caminho na vida. Esta cena pode ser relacionada ao

feminismo de Simone de Beauvoir por meio da representação de mulheres se apoiando e inspirando umas às outras, desfazendo estereótipos de gênero e fazendo escolhas conscientes que promovem o empoderamento feminino.

Em algumas cenas do filme é possível ver o excesso de preocupação de Dona Hermínia com os filhos, seja com a vida profissional, visto que nenhum dos dois ainda se consolidou nesse campo, seja ainda cuidando pessoalmente da alimentação deles, apesar de já se encontrarem na fase adulta. Ou ainda quando num jantar com Carlos Alberto o assunto gira em torno dos filhos.

Com base na Teoria da Representação Social de Serge Moscovici, que se concentra na forma como grupos sociais constroem conhecimento e significado em conjunto (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE 2014), Dona Hermínia age de acordo com estereótipos e normas sociais sobre o papel das mães. Muitas vezes esses envolvem preocupações excessivas com os filhos, como aquela que deve viver em função deles, aquela que cuida. Suas ações no filme refletem as expectativas sociais em torno da maternidade, normas e valores ainda predominantes na cultura brasileira, talvez por isso uma identificação nacional com essa mãe por parte do público.

Minha Mãe é uma Peça 3

O terceiro e último filme da série foi lançado em 2019. Dona Hermínia e os outros personagens aparecem um pouco mais velhos, em uma outra fase da vida. O filho Juliano decide se casar. E Marcelina anuncia que será mãe. Aqui Dona Hermínia já não aparece mais como profissional e tenta preencher seus dias com idas e vindas ao supermercado e com os assuntos dos outros membros da família.

O sentimento da solidão na personagem principal aparece em várias cenas. Nas conversas com o porteiro do prédio, com os feirantes, com o ex-marido e com a irmã ela se queixa de que os filhos, que já não moram com ela e pouco a visitam. Quando a procuram acabam recusando os planos que ela faz para eles, como a lista de providências para a festa de casamento de Juliano ou sobre o batizado do bebê de Marcelina.

Nesse momento Dona Hermínia se vê numa fase difícil. Sua principal fonte de identificação, o papel de mãe, foi radicalmente alterado, pois não tem mais o controle sobre os filhos. Ela está sozinha vendo a vida das outras pessoas seguir - sua irmã (Iza) afirma já ter superado a partida do filho que foi estudar fora, e que está saindo para namorar; sua colega e ex-vizinha (Dona Lourdes) está cuidando do corpo na academia.

Em todas as tentativas que faz para encontrar um novo amor acaba encontrando o ex-marido, Carlos Alberto. Isso acontece na gafeira e ao se arrumar para conhecer o novo morador do prédio, que acaba descobrindo ser ele mesmo. Nos diálogos, Dona Hermínia demonstra sua mágoa por ter se dedicado a ele e aos filhos e hoje estar sozinha.

Beauvoir fala da disparidade na forma como a mulher é afetada pelos filhos, em comparação com o homem, ao falar sobre o efeito da biologia sobre os sexos. Na concepção, os espermatozoides são produzidos sem gerar fadiga no macho. No entanto, o desenvolvimento do ovo absorve o corpo da fêmea e altera suas

características físicas e psíquicas. O macho pode se afastar com facilidade de sua cria, e quando permanece é para desempenhar um papel protetor perante a sociedade (BEAUVOIR, 1980). Hoje é possível constatar que houve alterações nas relações pais e filhos. No entanto, a sociedade ainda cobra que os cuidados sejam da mulher. Todas as vezes que Carlos Alberto recebe uma fala dos filhos ou de Hermínia para ficar com eles, levá-los para sua casa, ele se esquivava do assunto.

Carlos Alberto parece se aproximar por se perceber numa situação de maior vulnerabilidade devido ao avanço da idade. Nessa fase aparece como um pai mais equilibrado, que deseja que os filhos tenham liberdade e espaço para suas escolhas, e argumenta isso com Hermínia. Inclusive, aconselha que ela procure uma terapia para superar a saída dos filhos, o que termina em cenas hilárias de uma sessão em grupo.

As alterações de comportamento apresentadas dialogam com o sol que já passou de seu zênite e começa sua descida, o momento de declínio na vida no qual as realizações não são pautadas em prestígio social, sucesso nos negócios ou satisfação com a vida familiar (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015). Novos significados são descobertos. Jung chamou esse processo de *Metanoia*, quando o Ego - que nessa fase é o sujeito da consciência - e o Si Mesmo - totalidade psíquica que inclui o inconsciente - estão no auge da separação. Em seguida o ego inicia uma descida na direção do si mesmo, fazendo com que o sujeito alcance na segunda metade da vida um momento de sabedoria (GRINBERG, 2017).

A teoria de Jung é interessante para a análise da trajetória da personagem Dona Hermínia ao longo da trilogia. Inicialmente voltada para cuidar dos outros ao seu redor, e, portanto, com objetivos mais extrovertidos no primeiro filme. No terceiro filme ela entra numa fase na qual começa a se questionar sobre o que já viveu, a relacionar como se dedicou à família a como está no presente, ou seja, se volta para objetivos introvertidos. Isso não acontece sem sofrimento, mas é um processo importante para o fechamento de um ciclo e a vivência da segunda metade da vida de forma mais plena.

CONCLUSÃO

Com a presente pesquisa, pode-se perceber como a representação social da figura “mãe” nos filmes da trilogia “Minha Mãe é uma Peça” é complexa e contribui para a compreensão das experiências e realidades das mães brasileiras. Dona Hermínia desafia estereótipos tradicionais da maternidade, permitindo um olhar mais humano sobre as mães. As alegrias, desafios do dia a dia e momentos de vulnerabilidade tornaram-na uma personagem querida para o público, que pôde se identificar ainda com as situações cômicas e emocionais apresentadas nos filmes.

Dentro da psicologia, este trabalho contribuiu na compreensão do feminino ao destacar como a representação da maternidade na cultura popular reflete mudanças sociais, econômicas e de gênero no Brasil contemporâneo. Explorou-se as influências da Escola de Frankfurt, Simone de Beauvoir, Serge Moscovici e Carl Jung, que enriqueceram as análises ao fornecer *insights* sobre a dinâmica das representações

sociais, o papel das mulheres na sociedade e a complexidade da meia idade. Além disso, ao examinar o enredo dos filmes e a jornada de Dona Hermínia, buscou-se enfatizar as pressões e expectativas lançadas sobre as mulheres que são mães, esposas e profissionais, simultaneamente. Percebe-se como essas mulheres se veem sobrecarregadas, o que reflete muitas vezes em sua saúde mental e emocional. Esta discussão se faz necessária para promover uma compreensão das experiências das mães e para incentivar a reflexão sobre essas mulheres em suas múltiplas tarefas. Ademais, sugere-se que futuras pesquisas usem o enredo dos filmes para explorar as representações da mãe de pessoas que fogem dos padrões tradicionais de beleza corporal e das mães de pessoas de orientação sexual não convencional, uma vez que não foi abordado nas análises. Essas investigações poderiam contribuir para uma compreensão ainda mais abrangente e inclusiva das complexidades da maternidade na sociedade atual, bem como promover um diálogo mais empático e sensível sobre essas questões.

De uma forma geral, a trilogia “Minha Mãe é uma Peça” e a personagem Dona Hermínia representam a realidade de muitas mães brasileiras, reconhecendo a complexidade e pluralidade das vivências maternas. O trabalho auxilia então na compreensão do feminino na psicologia, das representações sociais e dos obstáculos vividos pelas mães numa sociedade em permanente transformação.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **Notícias**. Brasília, 2020. Disponível em: <[“Minha mãe é uma peça 3” já é o filme brasileiro com a maior bilheteria da série histórica — Agência Nacional do Cinema - ANCINE \(www.gov.br\)](#)>. Acesso em: 19 out. 2023.

ALBUQUERQUE, A. G.; SILVA, A. M. T. B. da. Gênero como objeto de pesquisa em Representações Sociais. In: **Research, Society and Development**, v. 8, n. 7. 2019. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1120>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2014.

ALMEIDA, S. V. **Luz, câmera, produção**: analisando as representações de gênero e de mulher mãe apresentadas nos filmes “minha mãe é uma peça” e “minha mãe é uma peça 2”. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós- Graduação da Universidade Federal do Rio Grande — FURG. Rio Grande.

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é Feminismo**. 8. ed. São Paulo: Braziliense, 1991.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo: 1 – Fatos e Mitos**. Tradução de Sergio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELOTTI, E. G. **Educar para a submissão**: o descondicionamento da mulher. 3. ed. Rio de

Janeiro: Vozes, 1981.

BERGSON, H. **O Riso**: ensaio sobre a significação do cômico. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

DELLOVA, P. N.; CARDILLI, L. Raízes da Escola de Frankfurt: uma reflexão sobre os aspectos da Teoria Crítica. **Revista de Ciências Sociais e Jurídicas**, v. 3, n. 1, p. 63-77, 2021. Disponível em: <[Vista do As raízes da escola de Frankfurt: uma reflexão sobre os aspectos da teoria crítica \(anchieta.br\)](#)>. Acesso em: 11 jun. 2023.

FEIST, J.; FEIST, G., J.; ROBERTS, T. **Teorias da personalidade**. 8. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015. p. 68-92.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2022, 7. ed. Barueri: Atlas. Disponível em: <[Minha Biblioteca: Como Elaborar Projetos de Pesquisa](#)>. Acesso em: 08 jun. 2023. GRINBERG, L. P. **Jung**: o homem criativo. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788521210542/pageid/217>>. Acesso em: 30 out. 2023.

JOHANSON, I. **Moral da ambiguidade, liberdade e libertação**: filosofia e feminismo em Simone de Beauvoir. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1677-2954.2018v17n2p239>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

LACHOWSKI, V. F. Escola de Frankfurt e ficção científica: diálogos entre teoria crítica, indústria cultural, marxismo e cinema. In: **Raído - Revista Do Programa De Pós- Graduação Em Letras Da UFGD**, Dourados, p. 67–91. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/raido.v16i41.15909>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

LOBO, R. F.; WERNECK, M. M. F. A interdisciplinaridade do conceito de Representações Sociais de Serge Moscovici. In: **Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano**, Taubaté, v. 11, n. 1, p. 8-18, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.32813/rchv11n12018artigo1>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MOSCOVICI, S. **La Psicanalyse, son image et son public**. Paris: Presse Universitaire de France. 1976.

MOTTA, F. C. P.; PAULA, A. P. P. de. Meia-Idade, Individuação e Organizações. **Revista O&S**. v. 12, n. 34, 2005.

NOGUEIRA, K.; GRILLO, M. D. Teoria das Representações Sociais: história, processos e abordagens. In: **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.6756>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PINHEIRO, I.; ÁLVARES, M. L. M. Mitos: pilares que sustentam o patriarcado na perspectiva de Simone de Beauvoir. In: **Revista Gênero na Amazônia**, Belém. n.07- 12 jul. / dez 2017. Disponível em: <[Mitos: pilares que sustentam o patriarcado na perspectiva de Simone de Beauvoir | Pinheiro | Revista Científica Gênero na Amazônia \(ufpa.br\)](#)>. Acesso em: 10 jun. 2023.

VASCONCELOS, A. B. L. de. **Comédia no cinema brasileiro**: o gênero na cultura globalizada. 2012. 84 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/4216>>. Acesso em: 21 out. 2023.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

FILMES

MINHA MÃE é uma peça: O Filme. Direção: André Pellenz. Rio de Janeiro: Migdal Filmes, 2013. 1 bobina cinematográfica.

MINHA MÃE é uma peça 2. Direção: César Rodrigues. Rio de Janeiro: Migdal Filmes, 2016. 1 bobina cinematográfica.

MINHA MÃE é uma peça 3. Direção: Suzana Garcia. Rio de Janeiro: Migdal Filmes, 2019. 1 bobina cinematográfica.